

Francismar Ramírez Barreto¹

Em meados de 1942, Thomas Mann escreveu o texto que introduz a coletânea *Ouvintes alemães. Discursos contra Hitler*, publicada originalmente em 1945 pela editora Bermann-Fischer. O volume apresentava 59 emissões radiofônicas (uma por mês) pensadas para seu próprio povo e transmitidas pela BBC de Londres, entre outubro de 1940 e maio de 1945. Tendo fixado residência nos Estados Unidos (1938), a convocação fez com que Mann tivesse nas mãos a oportunidade dourada de escrever novamente em alemão e se fazer ouvir pelos seus conterrâneos. Mencionado por Hitler numa cervejaria de Munique, por causa de um dos breves discursos, o autor d' *A montanha mágica* escreveu no prefácio:

Dessa boca já saiu tanta porcaria que me causa uma ligeira sensação de náusea ouvir meu nome sair daí. De qualquer forma, essas palavras me são úteis, embora sua falta de lógica seja evidente. O Führer já expressou muitas vezes o seu desprezo pelo povo alemão, a sua convicção sobre a covardia, submissão e estupidez dessas pessoas, sobre a sua infinita habilidade de engolir mentiras; ele se esqueceu, no entanto, de acrescentar uma explicação sobre como consegue, simultaneamente, ver os alemães como uma raça de senhores destinada a dominar o mundo. Como pode uma nação espiritualmente incapaz de se revoltar *mesmo contra ele* ser uma raça de senhores? (MANN, 2009, p. 9).

Nem a Segunda Guerra Mundial nem a Alemanha da década de 1940 são temas deste trabalho. Mas o exemplo é útil para imaginar o impacto mundial do regime que levou Thomas Mann ao exílio desde 1933 e também para entender por que em *Avalovara* (1973) – romance do escritor brasileiro Osman Lins – a personagem que representa o mal, a opressão, a tirania, é prenunciado com palavras alemãs. Apesar do livro se sustentar sobre oito linhas narrativas, a presença do Iólipo não depende apenas de uma. E não é assim porque ele é apresentado, ao mesmo tempo, como intruso sobrenatural, esposo de ☹ (um ser de carne e osso, filho da família Barros Hayano), o Portador (a pessoa que tira a vida de ☹ e Abel, o crime que aciona a concreção do Paraíso), o Agente, a Chave, o Cerceador e o Emissário.

Pensa-se, inicialmente, que o Iólipo exista só na linha R (☹ e Abel: *encontros, percursos e revelações*). Lendo com detalhe nota-se a sua presença nas linhas O (*História de ☹, nascida e nascida*); E (☹ e Abel *ante o Paraíso*) e N (☹ e Abel *ante o Paraíso*). Nos trechos onde a imagem é referenciada, Abel (protagonista masculino e grande amor de ☹) reflete sobre a opressão à luz do trabalho do escritor. Para compreender inicialmente o que é um Iólipo tem de se voltar ao momento da história em que a metáfora é apresentada com menos idade. Ainda criança, ☹ é testemunha de uma

¹ Graduada em Comunicação Social pela Universidad Católica Andrés Bello (Venezuela), mestre e doutoranda do programa de pós-graduação em Literatura e Práticas Sociais da Universidade de Brasília (UnB). Pesquisadora do Grupo de Estudos Osmanianos, coordenado pela Prof^a Dr^a Elizabeth Hazin.

visita em casa da avó. Os convidados são uma mulher e seu filho. No momento que antecede a chegada, "X" começa a falar numa língua até o momento desconhecida. Espantada, a avó pergunta: "Onde aprendeu a falar alemão? (...). Que monstro é esse de que fala e que está na minha frente? Aqui não há ninguém" (LINS, 2005, p. 158). Quando o portão se abre, aparecem Olavo Hayano e sua mãe, tal como se recria no capítulo O18.

Vejo Olavo, com o meu duplo olhar, como ninguém o vê, vejo-o em relevo, o quepe sobre os joelhos, figura num estereoscópio. Abranjo-o na sua forma carnal e no consternador vazio que se esconde na carne perecível. Olavo Hayano? Não, este não é o seu nome. Assim o chamam, assim ele assina, mas o nome cai de sua boca tal um manto que ilusoriamente revestisse um corpo [...]. Olavo Hayano, postado em minha mente, tem o ar de um intruso sobrenatural, reunindo em si os sentidos de isca e de advertência. Por trás dele se esconde o meu destino, do mesmo modo que ele próprio se oculta sob a opacidade do seu nome. Há um sim e um não, uma opção entranhada no ar que o envolve (LINS, 2005, p. 159-160).

Como o romance induz a leitura fragmentada (pela abundância de temas, por vezes dentro da mesma linha narrativa, e pela forma de exprimir a passagem ou distensão do tempo), este episódio não parece apontar peculiaridade alguma. Quando se começa a notar que "X" conhece – desde cedo – as características do Iólipo; quando se observa que a visita à casa da avó transparece tudo, o leitor toma um susto. "X" vê a Olavo num olhar duplo porque ela é uma personagem dupla, duas vezes nascida. É duas em uma. Na O14, "X" é referida como "vida dúplice", "com duas infâncias, duas idades, dois corpos". Por isso ela percebe em Olavo esse estranho realce. Conhece-o na forma carnal (como o filho de uma amiga da avó), mas nota o que há nele de "sobrenatural". Sabe que Olavo – seu futuro marido, por sinal – não é seu nome, mas não consegue clarificar logo por que lhe parece conhecido. Olavo é também um ser duplo, dois em um: o ser carnal e o ser do vazio com relevo.

Aos poucos, alguém assume a tarefa de apresentar os iólipos. Esse ser, como se descobre depois, é "X". A primeira vez que aparece nomeado é no capítulo R7. A referência parece desimportante quando se considera que a linha R tem uma construção complexa, devido ao cruzamento do enterro da negra Natividade (babá de Olavo Hayano); o encontro dos amantes em Ubatuba ("X" e Abel); os fragmentos de *A viagem e o rio* (o ensaio empreendido por Abel); o lançamento dos foguetes na praia do Cassino (em Rio Grande); as manchetes que contextualizam o momento que vive o Brasil; *a gênese dos Iólipos*; reflexões sobre a opressão e a descrição de um "quadro vivente" num cais em T. É uma linha problemática, em desordem aparente, que combina narrativas menores e pode interpretar-se como micro-imagem do romance.

As intervenções de "X" aparecem com indicação de diálogo e, por momentos, tem ares de palestra, ao final é a declaração de uma terrível descoberta. Graças a "X", o leitor sabe que os iólipos não tem irmãos mais novos e tornam estéreis, sempre, o ventre onde foram gerados (LINS, 2005, p. 40). O pai pode ter filhos com outras mulheres, mas "isto, em geral, nunca sucede" (LINS, 2005, p. 50), o que resulta num

filho único (senão o mais novo) e numa mãe que se torna “improdutiva”. O que de tão terrível pode carregar este ser para que só possa chegar ao mundo em corpo de homem e a mãe expire lentamente, agora infértil? O sociólogo francês Pierre Bourdieu diz observar na dominação masculina, “o exemplo de uma submissão paradoxal”, resultante do que ele entende como “violência simbólica, violência suave, insensível, invisível a suas próprias vítimas”:

Cabe aos homens, situados do lado exterior, do oficial, do público, do direito, do seco, do alto, do descontínuo, realizar todos os atos ao mesmo tempo breves, perigosos e espetaculares, como matar o boi, a lavoura ou a colheita, sem falar do homicídio e da guerra, que marcam rupturas no curso ordinário da vida. As mulheres, pelo contrário, estando situadas do lado úmido, do baixo, do curvo e do contínuo, vêm ser-lhes atribuídos todos os trabalhos domésticos, ou seja, privados e escondidos, ou até mesmo invisíveis e vergonhosos, como o cuidado das crianças e dos animais, bem como todos os trabalhos exteriores que lhes são destinados pela razão mítica, isto é, os que levam a lidar com a água, a erva, o verde (...), com o leite, com a madeira e, sobretudo, os mais sujos, os mais monótonos e mais humildes (BOURDIEU, 2003, p. 41).

Ao tempo em que o nascimento perpetua uma arbitrariedade de altíssima voltagem, descobre-se que o advento do Iólipo é infinitamente mais doloroso que qualquer parto. Grávida e cativa da experiência materna -como se de um ser comum se tratasse- a mulher nunca descobre a monstruosidade no período de gestação. Não sabe da chegada iminente de uma “variedade rara da espécie humana”, uma mutação, um desvio. Sabe que “o número de iólipos, em cada geração, não chega a seis no mundo” (LINS, 2005, p. 81). Um perigo encontra lugar no ventre da experiência humana. Ou será que essa ameaça nem é tão estranha, nem é tão esporádica como se acredita? Qual é a implicação estética, qual a implicação política desta existência? Paul Ricoeur pensa que “pela ação, o mal é antes de tudo o que não deveria ser, mas deve ser combatido” (RICOEUR, 1988, p. 48). O que havia na década de 1970, no Brasil, que não deveria existir mas precisasse ser combatido? É o Iólipo a metáfora da censura, da ditadura, do totalitarismo? A imagem propicia múltiplas leituras mas a lógica faz elucubrar sobre o mal alojado nas entranhas de um sistema.

O estrago que a criatura provoca no ventre é uma de suas características mais aterrorizantes. A placenta do Iólipo tem a forma de um ouriço e a mãe só sente os ferimentos de 15 a 20 dias antes do parto, quando os espinhos rasgam o órgão que o contém em qualquer direção: “É como se a mulher parisse garfos ou cacos de garrafas. Nunca, por mais que viva, volta a curar-se inteiramente das feridas e sofre até a morte de hemorragias temporárias” (LINS, 2005, p. 173-174). Um engenheiro agrícola, com formação na área da Ecologia, ilumina a leitura na tentativa de entender a vida dos ouriços. No livro *Animais interiores. Nadadores e rastejantes*, Evaristo Eduardo de Miranda explica o *modus vivendi* do ouriço terrestre, um animal notívago que passa a vida cavando túneis ou galerias. Pequenos mamíferos, vivem infestados de pulgas e se contraem quando estão frente a uma ameaça. Imagem dos penitentes para os cristãos,

os ouriços cobertos de espinhos foram visto por Santo Agostinho como “a imagem do homem carregado de pecados” (MIRANDA, 2005, p. 415).

Professor de Literatura da Universidade Federal de Minas Gerais, Julio Jeha diz que as “deformidades externas revelam transgressão, pois o indivíduo personifica uma traição da natureza” (JEHA, 2007, p. 7). Quando a deformidade é intrínseca, como deve ser entendida a transgressão? Que tipo de monstro é o Iólipo? Não é exatamente um ser mitológico. Não é um espaço anômalo. Não é um ser fantástico. Mas parece, sim, uma metáfora moral. Qual a sua função em *Avalovara*? Se o monstro é um fruto sobrenatural, não será a “familiaridade” até agora revelada a forma literária de propulsar algum tipo de especulação sobre o lado negro do homem, quando este assume uma quota de poder? A natureza do Iólipo, aparentemente ignorada, fala de um medo que se firma na humanidade. Que tipo de indivíduo é capaz de engendrar tal infortúnio? Pois segundo as descrições do próprio romance, “os pais sempre acham que o responsável é o *outro*” (LINS, 2005, p. 208), o que leva os leitores a presumir um alto grau de inconsciência é um grau mínimo de solidariedade.

Até agora só se falou da infertilidade da mãe. Acontece, porém, que a raça dos iólipos, quando alcança a plenitude de suas funções biológicas, também é estéril. O prenúncio de ☹️ naquela visita em casa da avó é então o presságio do fim (o fim do mundo?, o fim da vida?, das liberdades?). A princípio, o iólipo não se *mostra* diferente de outros meninos. “Passada a lembrança do parto, os pais acabam afeiçoando-se a ele e não temem pela sua sorte. Por que iriam temer?” (LINS, 2005, p. 209). Até esse momento, pouco descobriu a ciência sobre o fenômeno. Talvez seja porque vindo de seres humanos, a singularidade não é tomada como anomalia.

Ser visível no escuro é outro “atributo” da raça. Em teoria, qualquer pessoa pode percebê-lo, mas não tudo mundo atinge uma visibilidade nítida. “Alguns percebem apenas um halo muito leve; outros o distinguem com um relevo de xilogravura” (LINS, 2005, p. 243). O interessante é que este rosto noturno, o verdadeiro, é um desdobramento do rosto diurno. No dia, carne e osso. À noite, uma proeminência luminosa.

Chama a atenção que o verdadeiro rosto do Iólipo possa ostentar alguma beleza. O rosto diurno é o aspecto público. O noturno pode se revelar como uma fisionomia de linhas puras. Ainda com a diferença de idades e a amalgama de ouro e aço, a duplicidade de ☹️ transparece unidade. Já a duplicidade do Iólipo é radical pois o rosto noturno, fosforescente, aparece unicamente com a própria claridade (a insignificante luz da obscuridade).

Ele se oculta como um duende dentro do rosto diurno. Como um duende? Não, como um estranho. Alguns são belos, lembram a face de um anjo, e mesmo assim amedrontam. Que sucede, então, quando além da sua mudez e da sua estranheza, esse rosto é disforme? Assim Olavo Hayano. Nele, o rosto oculto, fora do meu alcance, é de monstro (LINS, 2005, p. 279).

Na segunda metade do livro, ☹️ compreende que o Iólipo e Olavo Hayano são a mesma “pessoa”. É este o motivo dela atentar contra a própria vida com a pistola

de Olavo Hayano, também chamado “O Portador”. Paulatinamente o leitor mergulha numa descoberta, quase uma viagem ao centro da Terra. Agora sabe como é o monstro e começa a vislumbrar características nítidas no tenente coronel do exército brasileiro de sobrenome Hayano. Sabe-se que o Iólipo leva em si um vazio e repara-se nas lacunas do militar. O que sempre foi uma certeza imaterial para “O”, à guisa de profecia, agora é uma revelação sinistra para quem está deste lado da página. Na O2, Olavo, o marido, se aproxima de “O” envolvido num vazio. Enquanto o menor evento tem conseqüências no comum dos mortais, no Iólipo nada instiga mudanças. Nele, as coisas acontecem e resultam no Nada.

Ela descreve o rosto secreto e verdadeiro desse indivíduo chamado Olavo Hayano, o rosto só visível na obscuridade. Quando ouve o homem ressonar, apaga a lamparina, escruta-o. Tem duas vezes a idade do Olavo Hayano diurno e as sobrancelhas eriçadas avançam sob a fronte estreita em direção às têmporas: aí, descem, cercando as pálpebras pesadas (...). Vejo, através de sua descrição, a boca do intruso entreaberta na sombra, os dentes largos, o riso de quem se sabe invulnerável (...). As orelhas de Hayano, peludas, moles e longas, descem até o pescoço com verrugas. Parece, mesmo dormindo, dizer a si próprio: ‘Toda a injustiça que eu fizer terá sempre o nome de justiça. Sobram-me a força e a indiferença necessária para usar a força’ (...). O mais assustador é que, nesse espectro trevoso, falta uma parte do rosto. ‘Uma parte do rosto?’ ‘Sim, há um vazio’ (LINS, 2005, p. 325-326).

O sonho com imagens cadavéricas talvez seja o elemento que permite distinguir um Iólipo de seus “colegas de classe”. Isto acontece por volta dos doze anos quando as fantasias oníricas deixam ver “mortos com acessos de ira”. Nessa altura, poucos (ou nenhum) defunto(s) terá visto um pré-adolescente. De criança, o indivíduo ignora o que idealiza enquanto dorme: “Passa-se algum tempo antes que os pais identifiquem aquelas sombras furiosas que batem portas e agridem-se, com gritos, chicotes e objetos perfurantes, e descubram com isto a natureza do ser engendrado através deles” (LINS, 2005, p. 282).

Na morte do avô de “O”, Olavo se declara apaixonado pela mulher duplamente nascida. Corresponde o episódio à O22 e é o único momento em que Hayano se apropria de sua voz. Há uma troca, um diálogo. “O” não entende o que faz “O Portador” da “presença estranha” balançando na poltrona de couro do escritório do defunto. O silêncio explica a sua estância naquele lugar. Precisa escapar do rumor que o aflige. O zumbido é uma fusão de sons e a eles atribui a presença de finados coléricos nos sons (p. 230). Entre os sons agradáveis que o contornam está a voz de “O”. Ela é estudante, considera-se nova para pensar no matrimônio, mas sabe -apesar da repugnância e de um sentimento que não pode ser chamado amor- que acabará acoplada ao Emisário. Que interpretação pode ter a necessidade de Olavo de dominar, por completo, a mulher que “O” é?

Da tríade feminina que segura a vida de Abel, “O” é (representa) o caminho das palavras. A autoridade que “O Portador” exerce sobre ela só pode representar o cerceamento da autonomia do escritor, ou como anota Tzvetan Todorov numa

tentativa de definição de totalitarismo: “O mundo individual [do criador ou da mulher que motoriza a criação] fica dissolvido na ordem impessoal [...]. A degradação do indivíduo acarreta a das relações interpessoais: Estado totalitário e autonomia do amor se excluem mutuamente” (TODOROV, 2002, p. 26). O sentimento de amor por Olavo não tem como se transformar em amor e Olavo nunca sulcará a via de mão única estabelecida por Hayano (com ele limitando os seus passos, dispondo os móveis de casa, impondo o lugar dos adornos, determinando o tipo de vestido que ela deve trajar). O Nada permanente que rodeia “O Cerceador” reflete esvaziamento de sentido porque para ele vale apenas a causa, sem que o significado mereça alguma consideração. A defasagem entre o seu rosto público e o seu rosto privado não é mais do que uma promessa de felicidade impossível de cumprir porque a natureza -onde tudo se encontra- regrou o propósito de Hayano no momento em que se formou a sua primeira célula: o seu lugar na ordem do universo foi determinado e ele vive para nos lembrar que a humanidade nunca estará a salvo de seu próprio poder de destruição.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOURDIEU, Pierre. A dominação masculina. 3ª edição. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

JEHA, Julio (org.). Monstros e monstruosidades na literatura. Belo Horizonte: Editora UGMG, 2007.

LINS, Osman. Avalovara. 6ª edição. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

MANN, Thomas. Ouvintes alemães. Discursos contra Hitler (1940-1945). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2009.

MIRANDA, Evaristo Eduardo de. Animais interiores. Nadadores e rastejantes. São Paulo: Loyola, 2005.

RICOEUR, Paul. O mal. Um desafio à filosofia e à teologia. Campinas, São Paulo: Papyrus, 1988.

TODOROV, Tzvetan. Memória do mal, tentação do bem. Indagações sobre o século XX. São Paulo: Arx, 2002.

Recebido em: 30/11/2009

Aceito em 26/11/2009